



RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO DIANTE DE UM CONTEXTO DE ENSINO REMOTO: UMA BREVE DISCUSSÃO

Carla Munique Aparecida Garda¹
Cristiane de Quadros²

Resumo

É fato que a pandemia COVID-19 ocasionou grandes mudanças nos mais diversos segmentos de nossa sociedade, inclusive no que se refere ao sistema escolar, fazendo com que o ensino passasse a ocorrer na modalidade remota. Nesse novo cenário, alguns típicos problemas presentes na esfera escolar, como a indisciplina em sala de aula e o distanciamento entre professor e alunos, parecem ter se acentuado. Nesse sentido, a presente escrita tem como objetivo propor considerações reflexivas sobre as implicações do ensino remoto imposto em consequência da Pandemia COVID-19. É fato que uma boa relação entre professores e alunos é extremamente necessária para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Os achados da pesquisa bibliográfica, bem como, as experiências realizadas nesse contexto pandêmico tem demonstrado que os professores tem buscando novos meios a fim de estreitar os laços com a turma, mas que não se trata de uma tarefa fácil. Desse modo, é importante que formas de estreitar essa relação sejam debatidas nos cursos de formação de professores, para que os futuros docentes busquem estratégias a fim de favorecer essa relação.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Interação. Ensino remoto.

Eixo Temático: Eixo 11- Ensino à distância e ou Tecnologias na Educação

INTRODUÇÃO

De caráter metodológico qualitativo, o presente texto tem seu embasamento em estudos bibliográficos e nos diálogos, realizados no componente curricular de Didática, no ano de 2021, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, com objetivo de propor considerações reflexivas sobre as implicações do ensino remoto imposto em consequência da Pandemia COVID-19.

1 Acadêmica do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Universidade Federal da Fronteira Sul, muniquegarda@gmail.com

2 Doutora em Educação, professora da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza-PR, cristiane.quadros@uffs.edu.br.

Sabe-se que a interação entre professor e aluno é algo indispensável no processo de ensino-aprendizagem. Porém, nos últimos anos tem-se observado mudanças no que se refere a essa relação. Entre essas mudanças, destaca-se de um lado, uma maior indisciplina por parte dos alunos, e de outro, temos casos em que os professores já não estão dispostos a ir além de passar os conteúdos do currículo que lhes foi apresentado, sem considerar o cotidiano e as particularidades da turma.

Dessa forma, atualmente, pode-se observar relações harmônicas, de troca, uma vez que, o professor ao ensinar, também aprende, porém, podemos vivenciar situações desgastantes e insustentáveis, devido a diferentes fatores. Nesse sentido, é válido discutir sobre as tendências pedagógicas a fim de compreender as mudanças ocorridas nessa relação ao longo do tempo.

Na perspectiva da Pedagogia Liberal, a escola tem como objetivo preparar os cidadãos para o desempenho de papéis sociais, e o cotidiano dos alunos, bem como, as diferenças entre as classes sociais não são consideradas, ou seja, fala-se em igualdade de oportunidades, porém, não se considera a desigualdade de condições, o aluno deve alcançar a plena realização através de seu próprio esforço, lei da meritocracia. Nesse sentido, no que diz respeito a relação professor-aluno, observa-se a autoridade do professor, e ao aluno cabe somente receber o conteúdo, evidenciando assim, a forte presença da abordagem tradicional em que o ensino se configura centrado totalmente no professor, sem interação por parte do aluno (BRAIT *et al*; 2010). Embora muito criticada, ao longo de minhas breves experiências (estágios) em sala de aula, foi possível observar que essa situação é comumente presenciada em algumas salas de aulas da Educação Básica.

Por outro lado, as Tendências Progressistas, partem de uma análise crítica das realidades sociais, bem como, do sistema capitalista, visando a transformação social. No que se refere à relação professor-aluno, esta se dá de igual para igual, ou seja, não há um detentor de saber. Nesse caso, a figura do professor passou a ser mais voltada para a mediação e o aluno passou a ganhar mais voz em sala de aula (BRAIT *et al*; 2010).

Dessa forma, é importante discutir sobre a relação professor-aluno, pois, quando ocorre a relação de ensinar e aprender um conteúdo, são estabelecidas relações emocionais significativas e nesse sentido, a relação pode acontecer com maior horizontalidade. Superando a ideia de que o aluno é apenas um objeto a ser “moldado” e que estamos

falando de uma relação de troca, em que ambos podem ser beneficiados (MATTOS *et al*; 2013).

O professor como sujeito responsável por boa parte do processo, deixa marcas em seus alunos, mesmo que de maneira não intencional, como a aquisição de hábitos e motivação, refletindo assim no ensino-aprendizagem para o aluno, ao agir como um elo entre os conteúdos científicos e os alunos (BRAIT *et al*; 2010). Afinal, ao pararmos para pensar sobre os professores que passaram por nossa jornada escolar, certamente, temos vários acontecimentos a relatar, alguns positivos, outros nem tanto, mas, é fato que os professores deixam marcas em nossas vidas.

Assim, é importante que os professores saibam ouvir seus alunos, considerar suas “bagagens de vida” e a partir disso rever suas práticas em sala de aula. Em relação a isso, Mattos e colaboradores (2013) acreditam que a responsabilização e o cuidado devem estar presentes no contexto escolar, uma vez que quando se deixa de lado a afetividade, tende a haver um distanciamento inclusive do aprendizado conjunto. Embora seja preciso atentar-se para a diferença entre educação e escolarização, por muitas vezes, os pais delegam tarefas suas aos professores.

É sabido que estamos vivendo em uma sociedade cada vez mais tecnológica, isso faz com que os alunos tenham acesso a diversas informações sobre diferentes temáticas. Assim, é importante que o professor saiba usar isso a seu favor, compreendendo que pode aprender com esse aluno, valorizando o conhecimento que ele traz consigo. Agindo dessa forma o aluno também se sente mais instigado em participar dessa constante troca que é o ensino-aprendizagem (BRAIT *et al*; 2010).

Além disso, é importante que o professor use meios para aproximar o conteúdo científico ao contexto do aluno, ou seja, falar na mesma linguagem do aluno, atentando-se para não perder o cunho científico, mas visando aproximar esses dois mundos, sem desconsiderar o quesito da cultura (BRAIT *et al*; 2010).

Tacca e Branco (2008), também acreditam que a aprendizagem acontece nesse processo de troca e que as interações sociais que têm lugar no espaço educativo favorecem as trocas do aluno com o objeto do conhecimento, e permitem ao estudante apropriar-se da cultura acumulada. Afinal somos seres resultantes de fatores biológicos, psicológicos e sociais (BRAIT *et al*; 2010). Em relação a isso, Vygotsky já afirmava que o conhecimento é fruto da interação entre indivíduo e o meio social em que se encontra inserido, ou seja, a aprendizagem social, a partir das trocas (VYGOTSKY *apud* LIMA, 2020).

A seguir, pretende-se, discutir um ponto que consideramos importante e que pode prejudicar a relação professor-aluno. A questão da indisciplina em sala de aula, afinal em minhas breves experiências em sala de aula (estágios obrigatórios e não obrigatório), me deparei com situações de indisciplina e tive certa dificuldade em saber como proceder.

DESENVOLVIMENTO

Indisciplina x relação professor-aluno

Sabemos que a educação brasileira enfrenta uma série de problemas, entre eles está o caso da indisciplina em sala de aula. A indisciplina é uma questão que precisa ser considerada, pois, pode ocasionar vários efeitos negativos no ambiente escolar, como por exemplo, a utilização do tempo em sala de aula buscando restabelecer a situação, o que atrapalha o rendimento da turma como um todo, além de desgastar a situação emocional do professor (BANALETTI; DAMETTO, 2015).

Vários fatores podem estar relacionados aos casos de indisciplina, entre eles: a obrigatoriedade por lei de crianças frequentarem as escolas, muitas vezes sem vontade ou sem o apoio da família; ausência dos pais e/ou problemas familiares, sabe-se que atualmente os pais têm passado menos tempo com seus filhos, devido à extensa jornada de trabalho e com isso buscam compensar a ausência não trabalhando limites com seus filhos, deixando estes agirem como pretendem e, por inúmeras vezes, acabam delegando obrigações da família para a escola, não participando ativamente da vida escolar dos filhos, isso faz com que muitos alunos cheguem às escolas carentes, agressivos, sem saber respeitar as regras estabelecidas em sala (BANALETTI; DAMETTO, 2015). Nesse sentido, é fundamental que haja uma boa relação entre a família e a escola, pois isso pode proporcionar maiores informações e facilitar o processo de intervenção.

Além disso, é importante também citar os fatores internos da escola, como a metodologia de trabalho do professor. Nesse sentido, algumas estratégias podem ser utilizadas com o objetivo de melhorar os casos de indisciplina, como por exemplo, aulas mais motivadoras com técnicas diferenciadas, também é importante que sejam estabelecidas regras, que haja diálogo e acordos para um bom convívio no espaço escolar (BANALETTI; DAMETTO, 2015). Durante os casos de indisciplina é importante que o

professor dialogue com a turma, reforçando os combinados estabelecidos, sem usar tons provocatórios ou de autoritarismo (ECCHELI, 2008).

A utilização de diferentes estratégias didáticas pode auxiliar nos casos de indisciplina e favorecer a motivação dos alunos em aprender, porém manter os alunos motivados é um grande desafio para o professor. Por isso, a necessidade de buscar utilizar-se de diferentes estratégias de ensino em sala de aula. Também é importante que o professor dê atenção para todos os alunos e não somente para aqueles que considera bons alunos e que participam ativamente das aulas ou só para aqueles indisciplinados, evitando fazer comparações entre os alunos, pois quando comparados os alunos acabam se sentindo menos capazes do que os demais (ECCHELI, 2018). Mas é importante salientar que o professor não deve ser visto como o culpado desses problemas em sala, como costuma acontecer em alguns casos.

Relação professor-aluno no ensino remoto: breves experiências

Considerando que estamos vivendo em um momento complexo mundialmente, em função de uma pandemia, provocada pela COVID 19, enquanto professores em formação, acredito ser de suma importância, discutir como fica a relação professor-aluno diante do ensino remoto, afinal, trata-se de um elemento fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

Sabe-se que há muitos anos a Educação a Distância e Educação remota tem se expandido, porém, não se imaginava que, de um dia para o outro, as aulas fossem paralisadas e o ensino passasse a ser via tecnologias digitais em rede por conta de uma pandemia, deixando os professores sem saber como agir (PIMENTEL; CARVALHO, 2020).

Com a impossibilidade de habitar os tradicionais estabelecimentos de ensino, os profissionais da educação se depararam com o desafio de refletir sobre outros modos de estruturar os processos de ensinar, a fim de garantir a efetividade do ensino, assim como de aprender em espaços diferentes (CHACZUK, 2020).

Para Pimentel e Carvalho (2020), os típicos problemas existentes na modalidade presencial, tendem a se agravar no ensino remoto. Nesse caso, faz-se necessário pensar na

relação professor-aluno, fundamental no processo de ensino-aprendizagem e que mesmo no ensino presencial já é um tanto defasada.

É fato que a relação professor-aluno tende a ser dificultada, pois, de um lado, tem-se uma menor interação, devido à dificuldade de os alunos acompanharem o raciocínio do professor que não sabe o contexto em que o aluno se encontra atrás de suas câmeras desligadas (CHACZUK, 2020). Afinal podemos estar diante de alunos em que a escola servia como refúgio, da fome, de situações de abuso, de pais alcoólatras, entre outras situações, ou seja, sem estrutura alguma para dedicar-se aos estudos.

Os autores destacam que há diferenças entre Educação a Distância (EAD) e Ensino remoto, pois no EAD, observa-se os alunos estudando sozinhos, sendo o computador uma máquina de ensinar, levando a discursos equivocados que os professores poderiam ser substituídos por computadores. Em relação a isso, não se trata de deixar os alunos discutirem os conteúdos apenas entre eles, sem um professor. É preciso, construir o conhecimento colaborativamente, em grupo, valorizando-se os diversos saberes de cada aluno, através da mediação do professor, devendo os computadores, ser utilizados como meios de interação social para conectar as pessoas, estando a conversação aberta (PIMENTEL; CARVALHO, 2020).

Ao vivenciar a experiência de dois estágios realizados na modalidade de ensino remoto (Estágio Curricular Supervisionado em Biologia e Estágio em Docência no Ensino Superior) tive a compreensão de que de fato, alguns pontos cruciais e desafiadores do ensino presencial, se acentuaram nesta modalidade imposta em consequência da pandemia, entre os quais, destaca-se a relação professor-aluno que tende a ser ainda mais dificultada.

Acredito que essa maior dificuldade em aproximar esses dois sujeitos fundamentais: professores e alunos se deve em partes pelas poucas oportunidades de programas de capacitação disponíveis aos professores sobre o uso de tecnologias digitais, de modo a ir além de aulas expositivas.

Sabe-se que até pouco tempo atrás, as tecnologias digitais em sala de aula eram vistas como um empecilho, pois poderiam dificultar a atenção dos alunos para a aula. Hoje compreende-se que o uso destas ferramentas, quando bem planejadas, pode favorecer e muito nesse processo, uma vez que se tornam o principal elo entre alunos e professores no contexto de ensino remoto. Por outro lado, é importante destacar que em um país tão desigual, esse contexto pode limitar o devido acesso aos mais vulneráveis e aí o contexto escolar poderia legitimar ainda mais as desigualdades existentes. Um outro desafio

observado, é que nessa modalidade de ensino a família ainda permanece às margens do processo, embora o aluno esteja participando da aula dentro de sua casa, observa-se ainda um distanciamento entre família-escola.

Além disso, as breves experiências demonstraram que na tentativa da utilização de estratégias didáticas diferenciadas os resultados foram positivos, ao realizar uma atividade semelhante a um jogo didático, quando questionamentos sobre os conhecimentos prévios acerca do conteúdo eram direcionados aos alunos, fazendo com que os mesmos se sentissem instigados a trazerem informações do seu cotidiano e a partir delas, introduzir o conteúdo a ser abordado.

Por fim, no que se refere a relação professor-aluno nesse contexto, ainda existem muitas dúvidas sobre como proceder ou não, porém não se pode negar, que apesar de inúmeras críticas, trata-se de um desafio tanto para professores, quanto para os alunos e que certamente ambos não estão medindo esforços para dar continuidade ao ensino remoto e desta forma, trata-se de um momento de aprendizagem para ambos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, podemos concluir que a relação professor-aluno abrange várias dimensões do processo ensino-aprendizagem ao dar estrutura ao aprendizado, orientando e auxiliando os alunos a estudar e aprender e além disso, aprender com eles. Dessa forma, não se pode desvincular o ensino-aprendizagem da relação professor-aluno.

Por fim, considerando que uma boa relação professor-aluno é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, faz-se necessário que os cursos de formação busquem trabalhar essa temática ao longo do percurso formativo. Sendo assim, essa breve escrita pode contribuir para o avanço da compreensão dos processos de aprendizagem que ocorrem nas relações entre professor-aluno.

REFERÊNCIAS

BANALETTI, Samara Marina Menin; DAMETTO, Jarbas. Indisciplina no contexto escolar: causas, consequências e perspectivas de intervenção. **Rei-Revista de Educação do Ideau**, Getúlio Vargas, RS, v. 10, n. 22, p. 1-15, 2015.

BRAIT, Lílian Ferreira Rodrigues et al. A relação professor/aluno no processo de ensino e aprendizagem. **Itinerarius Reflectionis**, v. 6, n. 1, 2010.

CHARCZUK, Simone Bicca. Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia. **Educ. Real**. [conectados]. 2020, vol.45, n.4, e109145. Epub 11 de janeiro de 2021. ISSN 2175-6236. <https://doi.org/10.1590/2175-6236109145> .

ECCHELI, Simone D. A motivação como prevenção da indisciplina. **Educar em revista**. Curitiba, n. 32, p.199-213. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440602008000200014&lang=pt. Acesso em: 16 mar. 2021.

LIMA, Mércia Rejane Lopes de. **A relação afetiva entre professor e aluno: a concepção de professores antes e durante a pandemia de Covid 19**. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17889/1/MRL12082020.pdf>. Acesso em: 15 maio. 2021.

MATTOS, Amana Rocha et al. O cuidado na relação professor-aluno e sua potencialidade política. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 18, n. 2, p. 369-377, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v18n2/v18n2a24.pdf>. Acesso em 14 mar. 2021.

PIMENTEL, M; CARVALHO. **Princípios da Educação Online: para sua aula não ficar massiva nem maçante**. SBC Horizontes, 2020. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/05/principios-educacao-online/>. Acesso em: 02 abr. 2020.

TACCA, María Carmen Villela Rosa; BRANCO, Ángela Uchoa. Processos de significação na relação professor-alunos: uma perspectiva sociocultural construtivista. **Estudos de psicologia** (Natal), v. 13, n. 1, p. 39-48, 2008.